

**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**  
**Departamento de Geografia**

Trabalho de Graduação Individual

**Copa Crise Crítica**

**Cup – Crisis – Criticism**

Bruno Pinheiro Natale

Professora Amélia Luisa Damiani

São Paulo - SP

2015

## **Resumo**

Em toda a capital paulista e, principalmente na zona leste da metrópole, diversas obras serão realizadas para atender a demanda estrutural do que virá a ser a Copa do Mundo de 2014. Como se não tivéssemos ouvido esse mesmo discurso em outros momentos as notícias mais recorrentes sobre a copa fazem menção a como um evento de tal magnitude, além de movimentar a economia, também proporciona melhorias de caráter estrutural ao país que o aloca. A principal intenção dessa pesquisa é explicitar como essa perspectiva de desenvolvimento assume um caráter fetichista no processo de modernização global, esse que passa então a se justificar de diversas maneiras, desde construções ou reformas de estádios, expansão de trens metropolitanos, a crédito distribuído de inúmeras maneiras.

Nesse sentido buscarei uma análise tanto sobre o processo ao qual o capitalismo mundial se relaciona (ou se insere numa relação) com mega eventos e grandes obras, quanto uma análise focada no fenômeno urbano e seus limites abstratos e concretos.

**Palavras Chave:** Urbanização Crítica – Copa do Mundo – Cotidiano - Crise

## **Abstract**

Across the state capital, and especially in the eastern part of the metropolis, many works will be performed to meet the structural demands of what will be the World Cup 2014. As if we had not heard this same speech at other times the most frequent news about the World Cup mention it as an event of such magnitude, besides move the economy also provides improvements of a structural nature to the country that allocates. The main intention of this research is to explain how this development perspective takes fetishistic character in the global modernization process, this now said to be justified in several ways, from building or renovations stadiums, expansion of subway lines and credit spread from many ways.

In that sense I researched about the process that the world capitalism relates himself with big events and constructions, as one focused on urban phenomenon and his abstracts and concretes limits analysis.

**Key Words:** Critical Urbanization – World Cup – Routine - Crisis

## **Sumário**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Introdução.....</b>                         | <b>5</b>  |
| <b>O Campo na Copa.....</b>                    | <b>8</b>  |
| <b>Indústria e Urbano.....</b>                 | <b>11</b> |
| <b>Sentido Leste - Favela da Paz.....</b>      | <b>14</b> |
| <b>Operação Rio Verde Jacu.....</b>            | <b>21</b> |
| <b>Desenvolvimento e Desapropriação.....</b>   | <b>24</b> |
| <b>Sem Violência ou Armas do Presente.....</b> | <b>27</b> |
| <b>Há tantos Milhões (?).....</b>              | <b>38</b> |
| <b>Engodo Conceitual.....</b>                  | <b>42</b> |
| <b>Grato.....</b>                              | <b>44</b> |
| <b>Referências.....</b>                        | <b>45</b> |

***“Ah, e nem ao menos quero que me seja explicado aquilo que para ser explicado teria que sair de si mesmo. Não quero que me seja explicado o que de novo precisaria da validação humana para ser interpretado.”***

***(Clarice Lispector)***

## Introdução

Os megaeventos representam o que há de mais moderno nas formas de reificação e alienação. Somos cercados a tal ponto que nosso cotidiano se reorienta de acordo com novas exigências de ações e comportamentos sociais. Eles transformam ruas, elevam nossa verticalidade, constroem a si mesmos sem deixar de nos usar. Condenam nossos horizontes, invadem nossas casas, transformam nossa subjetividade e produzem espaços. Daqui surge a pergunta da sua necessidade (?). Parece que há uma necessidade de nos entreter; de tentar *converter a nossa vida em um jogo apaixonante*. Não quero caminhar para provar o evidente consumo exacerbado e a relação que o entretenimento possui com o capital fictício; até porque a pergunta para refletir sobre esse problema deveria ser a contrária – qual a relação que o entretenimento (megaeventos, por exemplo) possui com o capital produtivo –; mas sim para como o cotidiano dentro do urbano responde a esse processo. Compreendo a Copa do Mundo como uma necessidade da relação social capitalista e não vou tentar convencer daquilo que estou convencido. Essa pesquisa é um risco e um erro.

No segundo semestre de 2007, numa vitoriosa disputa de cartas marcadas, o Brasil foi confirmado pela FIFA como país sede para a Copa do Mundo de 2014. Em toda a capital paulista e, principalmente na zona leste, diversas obras estão sendo realizadas para atender a demanda estrutural do *megaevento mais importante do mundo moderno*. E como se o encontro brasileiro com o futuro ainda precisasse de uma cereja no bolo somos obrigados a encarar a copa como: catapulta econômica - *trazendo progresso e promovendo o desejado equilíbrio entre moradia e emprego*; desenvolvedora - proporcionando melhorias de caráter estrutural *com foco em criação de infraestrutura e geração de empregos*; linguísticos - nos tornando, por meio de *alfabetização súbita*, fluentes em inglês e megaeventês (responsável por algumas palavras que não saem das nossas cabeças nos últimos anos como: arena, cidades-sede, legado, zonas de exclusão, balas de borracha, lacrimogêneo, vinagre e etc.); e cultural, que, nos tempos de hoje, se encaixa bem com quase qualquer coisa. O caso é que esse encontro movimentado de capitais, pessoas e discursos que resulta em estádios, viadutos, jogos e outras tantas modernizações traz consigo uma resignificação do espaço urbano.

Esse discurso esconde mais uma possibilidade para o capital amontoar enormes cifras e, através de operações urbanas e modernização de infraestrutura, buscar sua

autovalorização. Compreendemos o espaço como uma das formas de materialidade que o capitalismo procura para se reproduzir e sua produção envolve diretamente o ramo da construção civil que, através de monstruosas construtoras, procura na cidade o que foi incumbida de buscar: a valorização do capital<sup>1</sup>. Como a movimentação do capital financeiro se autonomiza, sua própria realização nega seu lastro com a produção e, portanto, fornece potência impulsora a precificação. A perda desse lastro maximiza o montante de capitais improdutivos que vê o setor imobiliário como forma de realizar essa expansão financeira do capital. Assim é necessário que diversas empresas tornem-se construtoras e financiadores de cada obra, projeto, campanha de eleições, e de cada copa do mundo. Embora a copa seja um evento privado, grande parte dos investimentos é estatal e conta com recursos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social.

O capital financeiro participa da produção do espaço na sua forma contraditória de ser e assim, a cidade, tida como força produtiva, é reafirmada também no sentido negativo e fetichista do capital<sup>2</sup>. Na cidade de São Paulo o fenômeno urbano é expressão máxima desse momento do capitalismo. A partir da década de 1980, parte da capital paulista torna-se palco de um processo de desindustrialização que é impulsionado pelo setor terciário (serviços e comércios). E como falamos aqui dos contrários, a saída de indústrias não leva a sua inexistência e nem mesmo a diminuição de pessoas que são pautadas por esse processo, o inchaço urbano surge como novo fenômeno problemático. A desindustrialização surge também em seu sentido *inverso e simultâneo, a urbanização se estende* e abre caminho para o capital (financeiro) que, através do setor imobiliário, brinca de formigueiro com enormes operações urbanas, revelando e aprofundando em suas contradições a construção de megaeventos como a copa do mundo. Esse processo não é uma simples passagem do setor secundário para o terciário. A relação entre os dois setores deve ser esmiuçada, pois a

---

<sup>1</sup> As principais construtoras envolvidas nas obras da Copa do Mundo são: Odebrecht, responsável diretamente pela construção do estádio Arena São Paulo que será palco dos jogos realizados em São Paulo, Queiroz Galvão e Andrade Gutierrez. (Fonte: [www.portal2014.org.br](http://www.portal2014.org.br) – Publicada em 15/08/2010 e Brasil de Fato - Publicado em 09/08/2012).

<sup>2</sup> “A cidade, objeto de uso herdado do passado, é transformada em objeto de troca e de consumo, do mesmo modo que as “coisas” negociáveis. Esta construção lefebvriana desvenda a potência da economia de mercado, que avassaladora atinge as cidades e determina um outro lugar para a cidade na história humana, não porque a cidade contenha fenômenos econômicos, na forma de receptáculo primordial, mas porque ela é determinante para o seu desenvolvimento; transformada, tragicamente, em limite e centro da potência do capital.” (DAMIANI, Amélia Luisa. A crise da cidade: os termos da urbanização. In: O espaço no fim do século: a nova raridade. ORG's: CARLOS, Ana Fani Alessandri. São Paulo, 1999).

mudança de sentido da cidade adentra o urbano, dá sentido a metrópole e, a partir de uma desindustrialização endividada, produz uma resignificação do espaço para o capital.

A copa do mundo é uma forma de evidenciar as contradições do espaço postas acima como uma espécie de lupa ou lente de aumento, focada nos desdobramentos da forma mercadoria no urbano.

Construí esse texto em diferentes momentos do meu envolvimento com o tema, fui posto por todas as limitações que o pesquisador implicado possui e o fato de morar na região do estádio não torna essa pesquisa um mero acaso. Todavia o que me incomodou inicialmente – nossas perguntas acabam surgindo a partir dos incômodos – foi essa relação direta como morador das proximidades de Itaquera. No ano de 2012 me integrei num projeto de teatro do grupo teatral Parlendas e também ao Comitê Popular da Copa de São Paulo. A partir daí outras relações se estabeleceram. Os textos que seguem refletem sobre esse momento.

## O Campo na Copa

*“Ela tem o temível poder da morte e da vida, que dissociam e reorganizam em novas arquiteturas os destroços, os fragmentos, os elementos deixados disponíveis pela separação.”*

(LEFEBVRE, 1991)

Esse texto está fundamentado numa proposta feita por mim, a união da geografia - física e humana - na ferramenta do trabalho de campo. Procurei contemplar essa proposta propondo análises que sejam tanto de uma quanto de outra área da geografia, entretanto não o fiz de forma particionada já que a geografia física parece estar inscrita na humana e a humana na física. É claro que para aprofundar tal tema teríamos que nos debruçar numa análise epistemológica para compreender os fundamentos dessa separação e muito provavelmente incorreríamos a estabelecer relações com a fragmentação e especialização de toda ciência, não só aos problemas envolvidos à geografia. Talvez com um pouco mais de atenção nos voltaríamos à divisão do trabalho posta para toda a sociedade capitalista, supostamente saindo assim de uma investigação epistemológica. Ocorre mesmo que podemos no máximo sondar questões sobre esse tema e não apresentar conclusões ou consensos. Que a importância do trabalho de campo enquanto momento empírico da ciência geográfica é compreendida por ambas as áreas como “importante”, não se pode negar. Porém, tanto a forma de conduzir como de elaborar, pensar e realizar o trabalho de campo é profundamente diferente entre essas duas áreas (sem contar a diferença dentro das outras áreas na geografia física ou humana), e tal diferença nos leva a considerar o consenso da importância do trabalho de campo e não o trabalho de campo como consenso em si. Mas novamente esta empreita não seria completa sem analisarmos o trabalho de campo como forma empírica de toda ciência e, novamente, seríamos cooptados a pensar um pouco além da ciência geográfica e estabelecer as possibilidades e limites da própria empiria como momento pretensão da aproximação entre ciência e realidade.

A metodologia da pesquisa procurava estabelecer uma relação entre as leituras, o trabalho de campo e entrevistas. Tratamos das desapropriações decorrentes, direta ou indiretamente, da copa do mundo e que, por si, está inserida em uma lógica da reprodução



capitalista. Trata-se então de uma universalidade e mesmo que esses temas pareçam fragmentados e descontinuados é necessário encontrar a unidade desses momentos, pensei durante um momento da pesquisa que o trabalho de campo seria metodologicamente fundamental para buscar essa unidade. Porém, superestimei a possibilidade do campo como tensionador da relação entre teoria e prática. Não cabe com isso negar o trabalho de campo como uma ferramenta, mas precisamos inseri-lo no contexto fragmentado da ciência e da sociedade. Compreendi que lidava não somente com o campo, mas também com a prática esvaziada que a ciência pressupõe. Nessa tentativa, de guiar o trabalho de campo para outra direção, me envolvi no Comitê Popular da Copa de São Paulo e no coletivo de teatro Parlendas – grupo teatral que construiu, em 2014, uma intervenção sobre o acirramento das contradições capitalistas durante a copa. A teoria da implicação se revelou aqui como uma possibilidade.

A pesquisa por um método implicado persegue seus próprios limites através da contradição que a inserção social do pesquisador possui, busca uma forma de autocriticar-se e descobrir os limites do estudo, mas, sobretudo assume que *a ciência e o conhecimento não são neutros*. Os elementos apontados como método no projeto – trabalho de campo, entrevistas e leituras – encontram a partir daí uma possibilidade de questionar sua autonomização. Entretanto a própria implicação possui seus limites e não encontrei nela a inquietação do possível. O pesquisador implicado encontra um mundo de possibilidades, mas também um mundo de determinações. A prática que busquei revelou-me, através dos movimentos sociais e de tantas conversas na Favela da Paz, que se trata também de uma determinação do possível.

Procurei na Favela da Paz a relação entre desapropriações e operações urbanas, não para questionar a sua existência, pois atualmente o nível de violência que essas operações incorporam permite ter a desapropriação como pressuposto oficial. Nessa procura guiei os trabalhos de campo e as entrevistas na Favela da Paz e na região de Itaquera com o coletivo Parlendas – algumas vezes em conversas a partir de apresentações teatrais. De qualquer maneira o método possibilitou ser questionado, e assim investiguei alguns limites que o estudo marxista do urbano possui. A produção do espaço e a forma social capitalista foram postas diante da formação da indústria e do urbano na periferia – tanto do capital quanto da cidade de São Paulo.

Há um caráter violento que a pesquisa impõe. No texto “Sem Violência ou Armas do Presente” procurei dar conta de uma violência explícita<sup>3</sup> que as relações capitalistas produzem. Mas é também interessante refletir como a ciência e a pesquisa fazem parte na produção dessa violência. Refiro-me a um momento direto de intervenção na cidade e no cotidiano executado pelo tecnocrata – forma que foi bem explorada no texto “Reflexões sobre Natureza, Espaço e Geografia no Jardim Pantanal/SP” de Kauê Avanzi. No seu trabalho Kauê incorporou o tecnocrata como personagem e analisou o espaço como tal. Fez apontamentos que indicam a forma modernizadora da ciência geográfica. Há luz de seu texto compreendi como uma *concepção de racionalidade* aparece como *força persuasiva mais que como poder opressor*, mas também penso que ambas fazem parte do mesmo processo e por isso é importante refletir sobre o método. O método não é uma arma ou uma ferramenta.

Ler, derivar e sair à campo são práticas que devem, necessariamente, questionar a si próprias. Meu primeiro contato com a Favela da Paz foi a partir de uma deriva realizada em 2011 com mais quatro amigos que não encontro há um tempo. A Teoria da Deriva procura suprimir a distância entre nós e o espaço - busca nos inserir de forma contrária ao que faz o tecnocrata. Não é uma forma propriamente científica, mas o que ocorre quando a ciência à incorpora? A deriva me ajudou a questionar a procura pelo método certo, mas logo que o fez desintegrou-se. A deriva foi dentro dessa pesquisa um momento não superado. Reconheço que uma forma ativa de envolvimento foi o fundamento desses textos, mas não encargo a essa forma a única possibilidade de se envolver. É esse o problema. Uma vez que a nossa prática dentro e fora da universidade se encontra contaminada pela forma da ciência, o método está necessariamente contaminado pela forma da persuasão. A tensão é o que nos resta e a dúvida é a nova certeza. À autocrítica não basta enxergar a si mesmo como forma de inserção contraditória, mas também questionar o fundamento da sua forma de criticar.

---

<sup>3</sup> Aqui uma menção as conversas que tive, em grupo, a partir da leitura de Robert Kurz, “A Guerra de Ordenamento Mundial”.

## Indústria e Urbano

No século XIX identificamos um movimento simultâneo e contraditório entre formação categorial do capital e industrialização. Essa formação assume para si uma nova forma de produção sem, necessariamente, apagar os vestígios de outros momentos e aí mora um problema fundamental dos desdobramentos da forma mercadoria. Essa forma resignifica os termos da produção do espaço e traz nesse momento o capital dos céus à cidade. Marx vê na Ideologia Alemã a industrialização moldar a cidade e permite que Lefebvre, já como movimento induzido, pense a implosão-explosão da cidade através do urbano. (Parece que nesse caminho a cidade revela a história, a indústria o econômico e o urbano o espaço, todavia não consigo agora constituir uma unidade para tais e posso ao menos dizer que aqueles mesmos desdobramentos colocam esse sistema em crise.) Nos seus estudos sobre industrialização e urbanização Henri Lefebvre expõe a necessidade que a indústria exige de remodelar os espaços e as relações que se constituem fora do chão da fábrica, e é no desdobramento dessa necessidade que surge o urbano no mundo moderno.

Através da indústria o capital experimenta o seu caráter desenvolvimentista e modernizador remodelando as cidades no centro do capitalismo. Porém, essa industrialização não redefine somente o centro, mas também toda a periferia do sistema. Naquele já conhecido esquema as colônias participam da industrialização como produtoras de matérias primas que são exportadas para o centro, porém o que se esconde nessa concretude é uma formação social que não só absorve, mas também se autoconstrói nesse processo.

A grande indústria é o rompedor do sistema feudal colocando-o em crise e desconstruindo as relações econômicas e sociais; o urbano assim faz com a cidade. A indústria nega o urbano para recolocá-lo em outro nível e de outra forma. *A urbanização se amplia*. Na periferia a indústria traz os destroços do feudalismo e o urbano traz a cidade já destruída. No século XIX as cidades na periferia não são réplicas - mesmo que algumas sejam esteticamente copiadas - das cidades europeias, mas sim uma espécie de extensão do urbano do centro do capitalismo. Valemos de exemplo as personagens machadianas, lembrados pelo autor como encarnadores das peripécias brasileiras da época, que assumem essa necessidade apática de reproduzir as relações do centro quando, ao retornarem da Europa, trazem consigo os valores mais renovados da civilização do ocidente. Também devo

lembrar que a peça “Marruá” do grupo Parlandas cita o costume dos barões da borracha brasileira do pós-guerra não só comprar, mas também enviar suas roupas para serem lavadas na Europa. E de repente o velho continente vira a nossa máquina de lavar. O grande mérito é que essas roupas sujas não contam apenas algo novo sobre as colônias, mas também algumas verdades sobre a metrópole. Uma ótima metáfora para representar não somente o fluxo de mercadorias, mas também a produção da forma social capitalista na periferia.

*É possível que a partir de certo ponto crítico a urbanização e sua problemática dominem o processo de industrialização.* As contradições expostas na moderna urbanização são compreendidas através do ponto crítico e da simultaneidade do capitalismo. Procurei mobilizar o fenômeno urbano do capitalismo a partir deste meu entendimento da teoria lefebvriana expostas nas obras “A Revolução Urbana” e “O Direito à Cidade” – compreendo que nos primeiros capítulos destes dois livros um movimento de industrialização e urbanização está relacionado ao problema da superação hegeliana, o que não me convenci, mas de qualquer maneira acredito que a zona crítica possa ser esmiuçada enquanto crise categorial capitalista.

A espoliação urbana, a partir de texto homônimo, evidencia na década de 80 o momento da implosão-explosão da cidade, ao mesmo tempo em que a realidade urbana torna-se causa e razão. A abertura de lotes ainda é uma realidade para as periferias de São Paulo, ao mesmo tempo em que a cidade toda é alvo de revitalizações e projetos de desenvolvimento (operações urbanas). Sedar um megaevento é, além de outras coisas, um projeto de urbanismo. A Copa do Mundo faz parte deste processo que na periferia se evidencia como zona crítica. Não se vende mais uma moradia ou um imóvel. Vende-se o urbanismo e *cada cidade tende a se constituir em sistema acabado* – cada vez mais como uma mercadoria.

Dentro desse *duplo processo ou um processo com dois aspectos* (urbanização e industrialização) a zona crítica aparece na periferia simultaneamente a esse duplo. O que Lefebvre chamou de circuito frágil<sup>4</sup> acontece na periferia, mas já como zona crítica. Na

---

<sup>4</sup> “Um tipo de urbanização sem industrialização, com uma rápida extensão da aglomeração, especulação com os terrenos e imóveis, prosperidade ficticiamente mantida pelo circuito.” (Lefebvre, 2001).

periferia a industrialização, a urbanização e a crise constituem um triplo processo. Isso não anula uma dialética do tempo, mas a torna mais complexa.

Lucio Kowarick percebeu, na década de 70, a formação das favelas por conta da industrialização e da urbanização não só em ritmo acelerado, mas também como forma de expropriação da classe trabalhadora. Ao longo da pesquisa compreendi que essa expropriação deixou e deixa suas marcas no espaço e que *as concentrações urbanas acompanharam as concentrações de capitais no sentido de Marx*. A relação entre universal e particular logo se apresenta. Dessa maneira procurei acessar a urbanização crítica aprofundando questões acerca da produção do espaço, principalmente, na qualidade de processo. Diferente do século XIX os desdobramentos do século XX percorrem na periferia outros caminhos que superam e transformam as ideias do centro - a alienação atinge níveis cada vez mais refinados e as formas de subjetivação tornam-se cada vez mais obscuras.

## Sentido Leste - Favela da Paz

Já na década de 40 Aroldo de Azevedo apontava um crescimento populacional nos *subúrbios orientais* paulistanos. Seu trabalho *descreve e interpreta a paisagem, com tudo quanto a caracterize*, e busca uma geografia que relacione diversos elementos de apreensão do espaço a partir de aspectos econômicos, sociais e naturais. Talvez em relação à geografia urbana da época *o quadro natural* aparecia *de maneira muito mais sensível*. Naquele momento a expansão cafeeira impulsionava a multiplicação das vias férreas, o aumento da imigração, a formação de pequenas indústrias e, o que nos é mais caro, o loteamento de grandes propriedades em São Paulo. É comum encontrarmos na Zona Leste bairros inteiros que na primeira metade do século XX formavam apenas uma chácara. O pós-guerra pautado pelo fordismo e a desregulamentação econômica marcam uma mudança na estrutura do capital bem como na capital de São Paulo. Para ficarmos com os dados populacionais – e isso revela uma questão de método na obra de Aroldo de Azevedo – Itaquera possuía em 1950 15.515 habitantes e era uma região afastada do centro recebendo o título de colônia ou bairro tipicamente rural. Estava longe do que Aroldo encontrou em outros bairros (São Miguel Paulista, por exemplo) e cidades (Osasco) como *paisagens industriais* ou *paisagens urbanas* – muito embora a perspectiva da formação da indústria paulista mobilizava seu argumento para o desenvolvimento dos subúrbios *tanto pela instalação de fábricas* quanto por *núcleos residenciais operários*.

O termo subúrbio parece nos revelar uma espécie de fronteira urbana, que é verdade, nas obras do geógrafo em questão ainda aparece como uma necessidade de incorporação à cidade numa perspectiva bastante desenvolvimentista. Para sua classificação dentro da divisão hierárquica de bairros, Itaquera fez parte da formação de São Paulo como subúrbio residencial. O termo subúrbio aqui nos intriga. Até o início do século XX o único elemento que fazia a região ser entendida como paulistana era a estação de trem Itaquera, parte da Estrada de Ferro Central do Brasil, que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro. As condições climáticas e territoriais eram favoráveis à produção de gêneros agrícolas, porém só a partir da ferrovia que tais produtos passam a escoar para o centro, embora a ferrovia anuncie um processo de urbanização que direcionará essa produção de gêneros agrícolas para as cidades de Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogi das Cruzes – todas mais a leste. A

partir da década de 40 iniciam-se as aberturas de lotes em várias regiões de São Paulo. A mobilidade do trabalho necessário à indústria faz com que as grandes fazendas – quais os carmelitas eram donos na região – precisem ser desmembradas e negociadas, na maioria das vezes, nas feiras dominicais. Entre 1940 e 1950 a população em Itaquera dobra.

A abertura de lotes e o povoamento em São Paulo criaram uma expansão, num primeiro momento, no eixo Oeste-Leste em contraposição a um possível eixo Norte-Sul. Aroldo explica esse fenômeno devido a questões topográficas e hidrográficas. O relevo no sentido Oeste-Leste é de maneira geral uma planície, formada pelo Rio Tietê e afluentes, de fácil ocupação – essa é a última questão de método que forma na obra um triplo eixo: população, paisagem e relevo. Notemos que só é possível compreender Itaquera como subúrbio tendo esses três eixos articulados a partir de três fenômenos:

- Estrada de Ferro – Estação Itaquera
- Formação de indústrias em São Paulo
- Abertura de lotes

Já no livro *Bairro de Itaquera: Processo de Inserção Metropolitana*, Amália Inês questiona diretamente a inserção de Itaquera ao centro urbano que ocorre a partir da década de 1960 – logo após os estudos de Aroldo. Aparece agora o termo cidade dormitório como reflexo imediato da industrialização de São Paulo e consequente especulação imobiliária do solo urbano. Na sua análise a região parece dar um salto de uma agricultura de subsistência ao comércio e, também, marca a decadência das fazendas – sobretudo a fazenda do Carmo – como início desse processo. Até então o argumento é próximo ao de Aroldo, porém sem aquele primeiro movimento de população, paisagem e relevo. Amália ainda compreende o bairro como uma espécie de “boca de sertão”. Porém, o que mais me chama atenção nos seus textos são as ocupações pós década de 60.

Após esses três primeiros fenômenos (estrada de ferro, indústrias e loteamento) a chegada dos Conjuntos Habitacionais na zona leste é um marco para o processo de urbanização da região. Amália aponta que a COHAB<sup>5</sup> é o elemento que rompe com o rural na zona leste. Junto com os conjuntos outras formas de ocupação do solo urbano, como as

---

<sup>5</sup> A maioria delas, construídas na década de 70 e 80 pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB), Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) e por grandes empreiteiras, que inclusive aproveitaram os últimos financiamentos do Banco Nacional da Habitação (BNH), antes de seu fechamento.

ocupações irregulares construídas, sobretudo em forma de autoconstrução, marcam a região. A maioria delas acontece na década de 80 apontando uma espécie de boom demográfico. Embora nos dois casos tratemos de uma necessidade da reprodução da força de trabalho na cidade de São Paulo (aqui as considerações de Eva Blay muito interessaram) as diferenças entre morar nos “prédinhos”, morar nas ocupações ou ainda comprar um lote são importantes para o cotidiano dos moradores. Aqui a definição já vai de subúrbio dormitório, ou bairro dormitório, para periferia.

O termo periferia surge quando Itaquera já se encontra claramente envolvida ou conurbada com a cidade. A partir daí o debate sobre a cidade entra em outro nível e é focado nos problemas urbanos. Amália aponta o inchaço da cidade, o crescimento do setor terciário, a formação das favelas e a construção das COHABS como fundadores desses problemas. Lucio Kowarick, não com a mesma sistematização, aponta os mesmos elementos. Aqui uma questão modernizadora da cidade e do urbano é lançada como possível solução. Amália chega a apontar que a grande indústria não procura Itaquera - como faz com outros bairros - de tal forma que o governo é obrigado a procurar como solução de moradia. No nível do problema a solução é o que se busca. Atento para que esse trabalho não procura os problemas, como não procura as soluções. Preferimos lidar com o nível da contradição e sua dialética de superação. No nível do problema dificilmente conseguimos nos desamarrar de soluções modernizadoras para o urbano, tanto que os três autores citados nesse texto acabam por apontar a necessidade de equipamentos urbanos (que envolvem a indústria, o transporte e o comércio). Amália já aponta a possível construção do estádio no terreno próximo a estação de Itaquera, que já era do Corinthians no momento da sua pesquisa (2000).

A urbanização da zona leste de São Paulo ocorre de forma fragmentada e espetacular. As diferenças nos estudos indicam diferentes formas de conceber e estudar o urbano e a cidade, e também apontam os momentos históricos para a chegada do estádio e a formação da Favela da Paz – assuntos que me atentarei mais abaixo. O subúrbio como suburbano é descolado da cidade, porém não das relações que o urbano impõe. Lefebvre no livro *O Direito à Cidade* aponta a suburbanização como princípio de um processo dialético que descentraliza a cidade. Assim como apontei no texto *Indústria e Urbano* também indico que em São Paulo esse movimento se repete, porém com determinadas particularidades. A formação do subúrbio e depois a sua anexação conurbada à cidade, formando a periferia,



cria e reforça a centralidade na capital paulistana. Os *subúrbios orientais* são urbanos? Essa pergunta revela o império da separação e da cisão entre os elementos daquilo que foi criado como unidade e simultaneidade.

Não me refiro ao processo de urbanização como foi a grande indústria mola propulsora do capitalismo. A relação entre o secundário e terciário da economia se mostra de forma complexa, problemática e crítica, como mostrou Chesnais, também assim se dá a relação entre urbanização e a industrialização. Da maneira como compreendi a zona crítica a cidade de São Paulo está totalmente inserida nesse contexto simultaneamente a seu crescimento industrial. Os desdobramentos disso se dão na financeirização da cidade, ou a cidade como negócio se assim quiser, e na forma como a consciência social deixa pouco a pouco de se referir à produção para se *centralizar em torno da cotidianidade, do consumo*. O direito à moradia, bem como outros relacionados à cidade, aflora na consciência social.

No mesmo momento que Aroldo escreve sua tese o capital está indicando um descolamento entre trabalho e dinheiro. Os anos de 1942 a 1944 são marcados pela formação do Bretton Woods e, o que aqui analisaremos dele, a mudança do fundamento do padrão-ouro-divisas para o dólar. Esse primeiro movimento forma uma necessidade da periferia capitalista adquirir capitais através do dólar, e os capitais importados são guiados para o desenvolvimento infraestrutural pautado pela construção de um sistema rodoviário nacional – esse capital encontra sua forma mais aparente no automóvel e assim todas as concepções de carro são aprofundadas para obedecer a necessidade de valorização. Esse momento atinge seu auge na década de 70 através do endividamento externo que deu sobre fôlego a muitos projetos na periferia do capitalismo, mas que já era resultado de uma dessubstancialização da mercadoria dinheiro que passou, por tal, a ser lastreada somente pelo dólar. Na década de 80 os empréstimos não foram só interrompidos, mas também renegociados para concentrar a quantidade de dinheiro mundial, o que levou diversos países, principalmente a periferia, à chamada crise da dívida. A desregulamentação econômica é um momento importante para o capitalismo do século XX, porém vemos nela uma relação de necessidade, o que somente nesse aspecto se diferencia da interpretação de causa de Chesnais.

Correndo junto com esse movimento São Paulo aumentou sua quantidade de indústrias e acirrou o processo de urbanização tanto no centro quanto nas periferias. Esse movimento se apresenta crítico não só na sua forma econômica, mas também na produção

do espaço. A relação entre o setor secundário e o terciário não permite uma coexistência pacífica. A cidade é resignificada, mas a sua formação na periferia já é de forma simultânea sua implosão e seu *desencontro de tempos históricos*. A modernização em São Paulo permite não só a formação de indústrias, mas de uma indústria específica, a do urbano. O urbano passe a ser industrialmente produzido.

No início dos anos 90 começa a surgir a favela da Paz em Itaquera<sup>6</sup>. Digo no início dos anos 90 porque em diversas conversas com moradores não consegui chegar a um ano exato, o que revela a dificuldade de identificar *um ponto de partida do que se constitui como processo*, todavia os primeiros moradores pontuam os anos de 1991 a 1993 como da construção dos primeiros barracos. O início da década de 90 é marcado por vários acontecimentos, curioso para essa pesquisa que no momento que o Brasil tornava-se o primeiro futebol tetracampeão a Favela da Paz começava a existir. E ainda nessa mesma década a favela recebe a primeira, de tantas outras, ordem de despejo. A Favela da Paz está a 800m do estádio Arena Corinthians e desde 2007, quando o Brasil foi eleito o país sede, iniciou-se um discurso sobre a desapropriação que a construção do certame iria trazer. Vinte anos depois de existência da favela, entre o tetra e a busca do hexa, a construção do estádio aparece como um elemento acirrador do que é, para os moradores da Paz, uma vida de desapropriações.

As formas de esse processo ocorrer são variadas e nenhuma é menos violenta que a outra. O fato de às vezes serem voluntárias, mostra como existe também um momento de violência na formação subjetiva dos moradores. A desapropriação direta, a desapropriação pela valorização do entorno, desapropriação por ameaças, por questões infraestruturais, desapropriação pela falta de emprego, enfim, desapropriação a granel e todas elas acontecem juntas desde a formação da Favela da Paz e, para os moradores que conheci, acontecem desde que nasceram.

Porém, o convênio<sup>7</sup> firmado entre o Estado e Município de SP com a DERSA, em abril de 2011, marca o início das obras do entorno no que é chamado de Plano de Desenvolvimento da Zona Leste. As obras para construção do estádio foram iniciadas em

---

<sup>6</sup> O processo histórico de formação da Favela da Paz foi organizado a partir de conversas com moradores e à elaboração do Plano Popular Alternativo para a Comunidade da Paz.

<sup>7</sup> Processo: SPDR-186/11. Convênio firmado entre o Estado de SP, a DERSA e o município de São Paulo para realizar diversas obras modernizadoras na região de Itaquera, Zona Leste de São Paulo. Mesmo o convênio mencionando a Copa apenas como “elemento dinamizador”, acreditamos que sua execução guarda mais segredos sobre o megaevento do que declara o documento.

maio de 2011. Em 2012 a Fatec Itaquera iniciou suas atividades. As obras da Operação Urbana Consorciada Rio Verde Jacu ganharam grande impulso no ano de 2013. Em 2000 o Poupatempo Itaquera foi inaugurado. Em 2007 é a vez do Shopping. Todas essas construções são *elementos dinamizadores* para firmar o convênio. Esse *monólogo laudatório* existe apenas *a título de materiais existenciais*. Todas essas obras cercam a Favela da Paz.

A figura do Estado cumpriu o seu papel social e planejou o espaço sem a favela e ainda organizou a desapropriação dividindo por setores elaborados a partir de área de risco. São cinco setores onde o primeiro, mais próximo ao córrego, possuía previsão para remoção em Junho de 2014. Os moradores serão incluídos no programa Minha Casa, Minha Vida em outra divisão de 0 a 3 salários mínimos que corresponde a um financiamento de até R\$ 52.000,00 por imóvel. Os moradores são transformados assim de expropriados em devedores.

Na acumulação primitiva o cercamento das terras e a transformação dos camponeses em proletários ocorrem de forma simultânea à industrialização inglesa. Esse processo viu as ovelhas tomarem conta dos campos e colocou na cidade diversos expropriados, que tornaram-se trabalhadores. Está inclusa aqui a violência que foi necessária para formar tanto uma massa de trabalhadores e um conceito de trabalho quanto uma subjetividade dessa forma. Não discutirei o problema da natureza na atual reprodução da sociedade, porém há questões que se interpõem. Discurso primeiro: a Favela da Paz deve ser removida por estar em uma área de risco; segundo: o córrego Rio Verde, que corta a favela, está sendo transformado em parque linear. A favela deve dar lugar ao parque que é, então, o solucionador do risco. Uma das partes do parque já foi riscada em antigos terrenos abandonados da margem do córrego e avança sentido a favela.

O Projeto Verdejando realizado pela rede globo escolhe praças ou parques para em um dia ensolarado (não estou sendo irônico) ir até lá e convidar moradores para verdejar o ambiente (importante dizer que também são distribuídas mudas de algumas espécies ornamentais). Em novembro de 2013 estas histórias se cruzaram. O Verdejando chegou até o parque linear Rio Verde e assim chegou aos moradores da Paz que receberam o convite para participar do programa. Assim, os moradores plantaram árvores no parque que deve estender-se até às suas casas. Em Itaquera a Favela da Paz é cercada para sair e dar lugar a árvores. E por mais que insistamos em importar ao verde a qualidade de nossas vidas não acho plausível o discurso da necessidade do parque linear Rio Verde, seja ele destinado aos

moradores da Favela da Paz ou não. A produção de subjetividade chegou ao ponto que os próprios moradores “plantaram a causa” da sua remoção. Nessa região de Itaquera o que acontece é que as árvores comeram os homens.

É possível apontar um desdobramento que a urbanização traz ao mundo moderno e a periferia do capital? O cotidiano e a sociedade pautada pelo consumo, ambos vistos pelo seu caráter negativo e crítico, revelam esse aspecto. O cotidiano como momento violento e necessário à reprodução do capitalismo pós década de 80 e revolução microeletrônica remodelam os termos da vida. Num nível global a contradição entre trabalho produtivo e improdutivo, a desvalorização do capital e a queda tendencial apontam para a crise também no nível do cotidiano. A população – para retornar aos termos de Aroldo – que não é mais necessária é assassinada, presa ou transformada em devedora.

## Operação Rio Verde Jacu

As operações urbanas representam o que há de mais moderno nas formas de expropriação e urbanização. No Estatuto da Cidade elas são *“o conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo Poder Público municipal, com a participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados, com o objetivo de alcançar, em uma área determinada, transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e a valorização ambiental”*. O termo de referência da operação Rio Verde Jacu possui quatro objetos, a saber: Estudos Urbanísticos, Estudos Econômicos, Estudo de Impacto Ambiental e Plano de Comunicação. Os quatro objetos são uma espécie de síntese da sociedade urbana. A Operação Urbana Consorciada Rio Verde-Jacu (OUCRVJ) foi criada em 2004 e faz parte de um projeto de desenvolvimento para a zona leste de São Paulo. Grande parte das obras, e principalmente das que cercam as proximidades do estádio Itaquerão, foram iniciadas em 2011. Essa operação urbana corta a zona leste no sentido contrário, ou transversalmente, a radial leste e as linhas de Metro e CPTM, assim liga-se com o Rodoanel no trecho norte e no trecho sul.

Quando me envolvi com o comitê popular da copa um dos primeiros trabalhos era saber quais obras e quais impactos eram causados diretamente pelo megaevento. Acompanhamos algumas apresentações e palestras que órgãos do governo faziam para explicar como a cidade seria impactada. Conforme o comitê ganhou visibilidade passamos de penetras a convidados de reuniões – isso já no ano de 2013 e, claramente, para cumprir a parte participativa das falsas decisões – e instaurou-se um problema para lá de físico<sup>8</sup>: o que é e o que não é obra da Copa? Após três reuniões com alguns burocratas e políticos da gestão municipal desistimos de participar ou de nos fazer ouvir por esse canal. Por parte da oficialidade as obras da Copa são: Estádios; Mobilidade Urbana – que dizem respeito às zonas de exclusão e as Fan-Fests nas datas específicas dos jogos; Aeroportos e Portos. Tanto a OUCRVJ quanto a Favela da Paz não se enquadram nesses critérios. Quando descobri isso me convenci que essa pesquisa não era mesmo sobre a copa.

---

<sup>8</sup> O Regime Diferenciado de Contratações feito para a Copa prevê que municípios de até 350 km de distância das cidades sedes podem utilizar de recursos destinados ao Megaevento. Mas como disse vamos para além do físico.

De qualquer maneira, após 2007 a operação urbana que tratamos ganhou novos investimentos e rapidez nas obras. A diferença de datas também diz respeito à fragmentação da execução das obras. Toda a operação é dividida em setores e subsetores de intervenção: Áreas de Comércio e Serviços; Áreas de Comércio, Serviço e Indústria; Áreas Mistas e Áreas de Urbanização Controlada. O trecho sul que liga a operação ao Rodoanel foi concluído em 2010, já o trecho que nos chama mais atenção ainda está em obras e abrange três projetos da OUCRVJ: Estádio, Polo Institucional de Itaquera e Parque Linear Rio Verde. A divisão em setores e subsetores separa a operação em todos os níveis, desde a capitalização de investimentos até a vida cotidiana dos moradores. A fragmentação do tempo e do espaço interage diretamente com o ritmo quando procuramos andar pelo trajeto da operação.

Para a transformação do urbano em mercadoria as operações urbanas funcionam como um incremento à precificação. As principais justificativas da operação giram em torno da circulação de mercadorias, tanto para o transporte das mercadorias objetos quanto para a circulação das mercadorias pessoas (comprar uma cidade é como comprar um autorama!). Mas a cidade também é força produtiva. Uma contradição que as cidades e o urbano criam é a atração que o centro possui. Todavia o trabalho move todos os dias milhares de pessoas ao centro, a centralidade envolve diversos níveis de relações. Essa contradição já é tão antiga que a OUCRVJ prevê a vinda de empresas e a construção de parques lineares na região, procurando desviar o trajeto de parte dos trabalhadores da zona leste – tanto para o trabalho como para o lazer. Como disse a centralidade envolve outros níveis de relações. Na cidade mercadoria o centro é o principal objeto de consumo. Melhorar a circulação é como dispor de mais mercadorias na vitrine (e a metáfora parece caber com cem números de exemplos) e ora, quando se tem mais ruas se tem mais carros, quando se tem mais carros se tem mais ruas.

É interessante que para uma operação urbana ocorrer ela deve ser vendida antes mesmo do início das obras. O mecanismo mais refinado que a OUCRVJ possui são os Certificados de Potencial Adicional de Construção – CEPACS. Esses certificados são direitos de construção à exceção do zoneamento local. São títulos emitidos para que os proprietários de terrenos na região da operação possam negociar áreas que ainda não se consolidaram conforme a mudança prometida pela própria operação. A ideia dos CEPACS é a seguinte: a prefeitura, pautada pelo mercado, define áreas de interesse à venda da exceção à Lei de Zoneamento e nas quais a infraestrutura urbana permita tal adensamento adicional. As

operações urbanas entram aqui como geradores dessa infraestrutura. Os CEPACS são títulos negociáveis livremente em bolsa e seu lançamento é antecipado no mercado financeiro de títulos gerando recursos imediatos ao poder público já que, para aproveitar-se do direito adicional de construção naquela área, o empreendedor teria que adquirir os certificados no mercado e restituí-los à prefeitura.

A Operação Urbana Consorciada Rio Verde Jacu, bem como o estádio Itaquerão (quicá toda a copa) funcionam como forma de manutenção e endividamento de uma sociedade pautada pela dívida – tanto de forma global como no nível do cotidiano. Os 10 mil hectares que a operação abrange são uma promessa de compra e de futuro desenvolvimento aos bairros São Miguel Paulista, Itaquera e São Mateus, mas para isso é necessário transformar esse mesmo desenvolvimento em dívida. A OUCRVJ tem como objetivo conectar o Polo Institucional de Itaquera com o “resto” da cidade, e o estádio é um pilar para sua execução. Porém, não só de “circo” vive a sociedade urbana. Quando falamos de desenvolvimento (urbano) é necessário dar conta dos quatro objetos citados acima. O Polo Institucional de Itaquera, que o estádio faz parte, tem como proposta a existência de um Fórum, uma Rodoviária, uma FATEC/ETEC (já em operação), SENAI, Incubadora e Laboratórios para o Parque Tecnológico da Zona Leste, Centro de Convenções e Eventos, Batalhão da Polícia Militar, Obra Social, Parque Linear Rio Verde (parcialmente em operação) e Arena Corinthians (já em operação). Sem contar o Metro Itaquera, o Shopping Metro Itaquera e o Poupatempo que já estão em operação na área do Polo. Itaquera é o mais moderno simulacro que a cidade de São Paulo tem como promessa.

## Desenvolvimento e desapropriação

O Plano de Desenvolvimento da Zona Leste (PDZL) tem como suas obras primas a Operação Urbana Consorciada Rio Verde Jacu e o Polo Institucional de Itaquera. Em outubro de 2012 iniciaram as obras viárias ao redor do Itaquerão que é a principal ligação da Avenida Jacu Pêssego com o aeroporto de Guarulhos. O projeto passa em cima de diversas casas, abrindo uma grande possibilidade de desapropriações. De forma atualizada o capitalismo ainda necessita por um momento negar a propriedade privada para afirmá-la em outros termos.

O desenrolar desse processo aprofunda a relação de gestor da crise que o Estado deve assumir. Manifestando o caráter espacial e urbano do capital o Estado assume a forma corporativa de controle, e a política transforma-se em assunto de administração e gestão. Várias secretarias, escritórios, cargos, funções e uma série de serviços imbricados nestes são criados e tornam-se necessários para atuar burocrática e concretamente na cidade. As categorias mostram-se sempre em movimento e a divisão do trabalho, a fragmentação e a alienação se revelam mais uma vez como processo.<sup>9</sup> No PDZL são dez diferentes órgãos e secretarias envolvidas entre Estado e Prefeitura de São Paulo:

- Estado: Secretarias de Planejamento e Desenvolvimento Regional – SPDR; Transporte Metropolitano – STM; Logística e Transportes – SLT; Departamento Estadual de Estradas de Rodagem – DER e Desenvolvimento Rodoviário –SA. – DERSA.
- Prefeitura: Secretárias de Planejamento – SEMPLA; Desenvolvimento Urbano – SMDU; Infraestrutura Urbana – SIURB; Municipal de Transportes – SMT; Verde e Meio Ambiente – SVMA.

O desenvolvimento dos equipamentos urbanos, através de grandes operações, está inserido no contexto de crise de autovalorização e urbanização e, por tal, precisou naturalizar em si as desapropriações. De forma implícita e explícita essa violência é condição necessária do desenvolvimento, e assim há uma violência, entre outras, inerente ao urbano.

---

<sup>9</sup> Reflexão, entre tantas outras, que compartilhei com o grupo de estudos sobre Marx no laboratório de Geografia Urbana do DG – FFLCH compartilha.



O termo do convênio já mencionado também cria o *Polo Institucional Itaquera* (que) *direcionará grandes projetos para essa região da capital, como a nova arena do Corinthians trazendo progresso e promovendo o desejado equilíbrio entre moradia e emprego*. Ao mesmo tempo o documento responsabiliza o Estado e o município *ao cadastramento, remoção e reassentamentos de famílias ocupantes dos trechos objeto das obras* e encarrega aos mesmos o comprometimento de *liberar às obras e serviços de modo que não ocorram retardamentos na sua execução*. Tendo estabelecido essa relação não fica difícil prever que o Estado é, também, gestor da violência e detentor do *monopólio legítimo da força física de um determinado território*. A Copa do Mundo evidencia esse caráter.

Uma vez que nossa consciência foi tomada pelo caráter progressista do capitalismo, o problema passa para além de encontrar os limites do desenvolvimento e da modernização. As teorias do desenvolvimento lidam diretamente com uma questão estrutural que a cidade apresenta. Modernizar é reformar, alargar e construir. A necessidade de remodelar o espaço está diretamente ligada à crise do trabalho e da autovalorização que já me referi. A fórmula parece simples: investir em reconstrução a partir de projetos que cruzem diversas subprefeituras, diversos eixos de valorização e especulação distintas, criando assim uma oferta e procura de emprego. Essas obras, que às vezes aparecem com o título de revitalização, movimentam o setor da construção civil - que é confiado por muitos como o oásis do trabalho produtivo. Muito embora as principais empresas do ramo da construção civil sejam, necessariamente, investidoras em outros ramos como: agronegócio, petroquímica, telefonia e armamentos<sup>10</sup>. Ocorre que as cifras movimentadas pela especulação financeira e pelo crédito excede a valorização que o capital consegue valorizar (precificação), seja com a construção civil ou com qualquer outro ramo, já que tratamos de uma crise estrutural e não setorial. Por ser estrutural mesmo que possamos apontar a construção civil como criadora de trabalho produtivo, a crise de valorização já o coloca em termos improdutivos para a economia global. Em outro nível o ajuste espacial se dá como uma tentativa insuficiente de valorizar o capital a partir da criação de trabalho.

Sinônimo de desenvolvimento e aglutinador das contradições agora expostas o Polo Institucional de Itaquera visa à *implantação de equipamentos públicos, por meio de parcerias*

---

<sup>10</sup> Apontamos aqui as quatro maiores brasileiras da construção civil: Odebrecht, OAS, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez. Reportagem Pública: *As quatro irmãs*, por Adriano Belisário, 30 de Junho de 2014. (<http://apublica.org/2014/06/as-quatro-irmas/>). O complexo viário do Polo Institucional de Itaquera está nas mãos de uma delas, a OAS e da S/A Paulista.

*com instituições públicas e privadas, para atendimento direto às demandas da região, aproximando no tempo e no espaço os moradores das suas atividades cotidianas.* O projeto está fundamentado em três aspectos: Sistema Viário e de Transportes, Sistema Edificado e Sistema de Espaços Públicos e Áreas Verdes. Dentro do polo *as glebas vazias* – identificadas antes da construção do estádio Arena Corinthians – estão divididas em quatro tipos de proprietários:

- 198.501m<sup>2</sup> - Propriedade da Prefeitura do Município de São Paulo, mas cedida ao Corinthians. Área do estádio incluindo estacionamentos.
- 69.230m<sup>2</sup> - Propriedade da Prefeitura do Município de São Paulo
- 263.647m<sup>2</sup> - Propriedade Privada.
- 116.239m<sup>2</sup> - Propriedade da COHAB.

Esta última é a que mais nos interessa. A desapropriação não acontece somente para a retirada de famílias, mas esse caso é o que mais nos chama atenção. Um dos aspectos da urbanização é a negação do urbano, ou sua impossibilidade, para uma grande parcela da população, que, por não ser mais necessária deve se enquadrar nos parâmetros ditos acima: assassinados, presos ou transformados em devedores. O terreno que a Favela da Paz ocupa foi até o início dos anos 2000 do Metrô, e em 2004 foi passado para a COHAB (anexado à outra área que a companhia já possuía na região). A título de curiosidade dos 116.239m<sup>2</sup> a Favela da Paz ocupa 16.000 m<sup>2</sup> os outros 100.000m<sup>2</sup> são destinados a: FATEC, SENAI, Parque Tecnológico, Centro de Convenções, Polícia Militar e Obra Social – conforme já mencionado anteriormente.

O desenvolvimento e a desapropriação são conteúdos inerentes à urbanização. Esse processo se dá a partir de projetos urbanísticos e empreendimentos bilionários. A Copa do Mundo e a construção do estádio em Itaquera reforçam esse caráter, tanto para movimentação econômica quanto afirmadora do progresso através do urbano.

## Sem Violência ou Armas do Presente

Ao longo do trabalho procurei tecer uma relação entre urbanização e violência. Não entrarei exatamente nos termos do que se considera violento nos tempos de hoje, mas também não posso deixar de dizer que essa definição não é tão simples quanto parece. Nos atos que ocorreram, desde Junho de 2013 até a Copa em 2014, vimos diversas formas de “ação direta” aparecer, onde os principais alvos eram bancos ou empresas que financiavam a Copa no Brasil. A necessidade de ação tornou-se uma premissa quase que inquestionável por parte de diversos movimentos sociais. Essa prática num contexto e com um conteúdo esvaziado incorre na maioria das vezes em reiterações da forma e força do capital e do Estado, este que por seu lado já *faz de tudo para que a única alternativa à sua figura seja a barbárie*. Sabemos que na maioria das vezes, e faço essa crítica ao Comitê Popular da Copa, as formas de luta pela cidade ocorrem a partir de uma prática juramentada. Os direitos sociais e humanos estão cada vez mais em voga e são, como já estamos cansados de saber, direitos burgueses. Também é verdade que quebrar ou destruir coisas nos fazem centralizar ainda mais as próprias coisas que nos dominam – e quão perigoso isso parece quando nos remetemos ao capital financeiro. Porém, esse caminho não é suficiente<sup>11</sup>. Parece-me que o capitalismo pós-década de 90 sujeitou as lutas sociais, ou qualquer luta anticapitalista, a esses dois aspectos: a prática pelo direito e a prática da ação direta via atos e símbolos. Esse movimento além de já deter em si um caráter violento também passa a identificar “o inimigo” via caleidoscópio e recoloca o Estado como *única fonte do direito de usar a violência*.

Essa sociedade está fundamentada na violência. E nem precisamos dizer dessa violência escorrendo nas televisões com apresentadores que fazem acender, além da nossa paixão pelo horror, uma personificação microfascista que normaliza em nós um novo grau de aceitação. A violência explícita torna-se cada vez mais implícita em nosso cotidiano. Mas essa naturalização advém de outras três, a saber: concorrência, coerção (objetiva e subjetiva) e fundamento econômico. O que ocorre é que a homogeneização da forma social capitalista e seus desdobramentos caminham junto com a diversificação da violência.

---

<sup>11</sup> Aqui um agradecimento às tantas conversas tidas com Elton Maioli - teatreiro e militante de movimentos sociais.

As diversas formas de reprimir e conter a população tem sempre como parceiros o desenvolvimento das forças produtivas. Isso se dá num duplo aspecto. Primeiro, no próprio desenvolvimento técnico científico que, como veremos abaixo, não só funcionaliza a violência como também necessita dela para se funcionalizar. Segundo, no seu lastro com a crise de valorização. Cada dia um número maior de pessoas adentra aquela tríplice da desnecessidade tornando-se morto, preso ou devedor. O capital liberto do trabalho (produtivo) dá impulso ao juro e as atividades ditas improdutivas, principalmente o setor de serviços<sup>12</sup>. Nesse sentido parece que quando não houver mais tantos teleoperadores ou trabalhadores do correio haverá cada vez mais policiais. A cidade é justamente o polo de todos esses postos e despostos de trabalho, bem como os depósitos da população não necessária. O Estado como principal credor torna-se um *banco armado*.

As tentativas de defender o Estado de direito recaem a um patriotismo e nacionalismo tocado no ano de 2014 pelo futebol e pelo urbano. Para o futebol nossos corpos não dizem mais respeito a essa prática futebolística como outrora, treinamos no asfalto para no futuro, quando donos da nossa própria reprodução, alugarmos quadras. Para o urbano nos preparamos para receber o megaevento mostrando quão desenvolvidas nossas cidades são – uma possível formação do Estado e do ideal de nação a partir do urbano.

Kowarick procura o papel que a violência urbana exerce no processo de acumulação e como o estar à margem é mostrar o outro do urbano-industrial. As coisas mudaram e estar à margem é correr cotidianamente risco de vida. A marginalidade é não só um modo de inserção, mas um momento necessário para as estruturas de produção. *A periferia tem sua realidade trágica, a do sacrifício, da violência e da explosão*. A memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da urbanização elimina junto aos outros restos da atividade industrial categorias da formação do capital. *O que condiciona a história tende também a fixá-la*. Se apoderar de todos os significados para significar a si mesma, a violência revela suas várias facetas.

---

<sup>12</sup> As questões sobre trabalho produtivo e improdutivo não estão suficientemente claras para mim, porém tanto os textos de Marx, de Robert Kurz, em especial o Ascensão do Dinheiro aos Céus, e as conversas com Pedro Serrer me fizeram refletir sobre o tema.

No texto *As Armas do Futuro*, Walter Benjamin apresenta uma série de armas desenvolvidas até a década de 20. Sua descrição permite uma vinculação direta com a produção capitalista da guerra. Essa produção também detém seus desdobramentos que se reflete no processo de urbanização de várias formas. As operações urbanas e a Copa do Mundo como agentes do desenvolvimento estimulam a violência como outro ramo, que detém seus mecanismos e seu mercado. Diversas barreiras são quebradas dentro do que conhecemos como violência. Várias situações repressoras são naturalizadas, bem como novos vocábulos são apreendidos. A crise da cidade se revela de forma fragmentária, espetacular e violenta.

Num primeiro momento tudo virou Copa. Todos nossos problemas e soluções foram reduzidos a um megaevento. Muitos outros ramos foram inaugurados, muitas relações empresariais acionadas e certa forma utilitarista, agora mais funcional do que nunca, instaurada. Éramos capazes de fazer isso? Aqui vão alguns recortes que mostram essa tentativa:

\*\*\*

Em 2011 o Ministério da Defesa do Brasil anunciou o projeto para o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON), baseado em uma rede de sensores interligada a sistemas de comando e controle. Os militares queriam acelerar a construção dos sistemas por conta da Copa do Mundo e das Olimpíadas. O custo estimado era de R\$ 6 a 7 bilhões.

•

Além de oferecer estádios novos e modernos aos brasileiros e turistas estrangeiros que vão acompanhar as 64 partidas da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014, é necessário um esforço em telecomunicações e tecnologia da informação para que todos os lances sejam transmitidos com qualidade a bilhões de espectadores em todo o mundo. Para garantir o compromisso assumido com a entidade máxima do futebol mundial, o governo federal prevê investir até R\$ 200 milhões em redes de fibra ótica.

O ministro das Telecomunicações Brasileiras S.A. acrescentou que, neste caso, a estatal alugará a infraestrutura para o prestador de serviços da FIFA, “Não vamos dar nada para ninguém”, afirmou Paulo Bernardo (ministro das telecomunicações), reforçando

afirmação anterior de que, após os jogos, as fibras continuam sendo da Telebrás para cumprir “as atribuições do Programa Nacional de Banda Larga”.

•

O Estado da Bahia sediou nos dias 10 e 11 de setembro de 2012 o Seminário Internacional de Tecnologias para Megaeventos que ocorreu, curiosamente, no Museu de Arte Moderna em Salvador. As tecnologias de informação em arenas esportivas, os efeitos pirotécnicos, de som, vídeo, iluminação e as instalações temporárias são alguns dos serviços que servem de referência na preparação da Copa das Confederações de 2013 e da Copa do Mundo de 2014. “Vamos buscar uma interação entre o patrimônio cultural da Bahia e a nossa capacidade tecnológica. A terra da capoeira, da baiana é também berço da ciência, da tecnologia e inovação. As intervenções técnicas se transformarão em produtos turísticos”, sinaliza o titular da Secretaria Estadual para Assuntos da Copa (Secopa), Ney Campello.

O gerente de negócios da Decatron, Bruno Mello, apresentou um software que gerencia a execução de eventos em tempo real, aplicando conceitos de comando e controle. “O programa de monitoramento minuto a minuto orquestrou as atividades dos jogos mundiais militares e as operações de segurança da Rio+20. A ferramenta foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU)”, explica Bruno.

•

Em Abril de 2013 foram divulgadas as principais inovações tecnológicas para a Copa de 2014, são elas:

1. Conectividade 4G;
2. Painéis de LED;
3. Telões externos;
4. Dispositivo que verifica se uma bola passou da linha do gol;
5. Spidercam – transmissão em 3D;
6. Tetos retráteis antichuva.

•

A secretaria municipal de Transportes de São Paulo e a Empresa de Desenvolvimento Rodoviário S/A (Dersa) anunciaram em fevereiro de 2013 que a construção da alça de acesso ao estádio Arena Corinthians exigirá 40 desapropriações.

•

A construção da Linha 17-Ouro do Metrô de São Paulo derrubou, em novembro de 2012, parte de três favelas da zona sul: Buraco Quente, Comando e Buté deixando 200 famílias vivendo em escombros.

•

O Comitê Popular da Copa estima a remoção em massa de cerca de 170.000 pessoas para a realização de grandes projetos urbanos. Em São Paulo, no trajeto entre o futuro estádio do Corinthians, que sediará a abertura dos jogos da Copa, e o Aeroporto Internacional de Guarulhos, 4.000 famílias já foram removidas.

•

A partida de abertura da Copa das Confederações, entre Brasil e Japão foi também a estreia dos novos tanques antiaéreos do Exército Brasileiro. Quatro máquinas foram distribuídas estrategicamente no entorno do estádio Mané Garrincha, em Brasília, para auxiliar na segurança da partida. Importadas da Alemanha, as máquinas são parte de uma compra de 34 carros feita pelo Brasil, num investimento de R\$ 80 milhões. Com capacidade de vigiar o espaço aéreo em um raio de 7 km ao redor do estádio e de 3 km de altitude, os tanques ficarão estacionados e ajudarão a monitorar tudo o que estiver acontecendo. Se necessário, os blindados estarão prontos para serem usados em toda sua capacidade.

•

Em agosto de 2013 foi realizada uma feira no Rio de Janeiro para apresentar as novidades tecnológicas para a segurança pública. Equipamentos que emitem barulhos a ponto de dispersar multidão; roupas antibombas que suportam até 360 °C – das quais o Brasil adquiriu 48 unidades para os Estados sedes da Copa - câmeras acopladas em viaturas que podem identificar até 150 placas de carro por minuto e cinto com sensores para medir as funções vitais do agente em operação, são exemplos do desenvolvimento tecnológico da segurança.

•

No dia 11/10/2013 policiais do 4º Batalhão de Choque da Polícia Militar de São Paulo participaram de uma simulação de ataque terrorista ao Metrô do Estado. O treinamento, feito com a polícia francesa, prepara os militares para grandes eventos que vão ocorrer no país nos próximos anos.

•

Três meses após os primeiros confrontos nas manifestações de Junho de 2013 e um dia depois do governo do estado anunciar medidas mais duras contra vandalismo, a Polícia Militar de São Paulo anunciou a compra de mais munições químicas. De acordo com o Diário Oficial do Estado de SP, no dia 07/10/2013 foi assinado um "aditamento contratual" com a Condor S.A. Indústria Química (sede no Rio de Janeiro) que trata do "Termo de Recebimento Definitivo das Munições Químicas" para obter novo estoque do material no prazo de um mês.

A Condor, principal fornecedor de armas não letais para forças de segurança no país, informou que não houve aumento na procura de armamento e munições por São Paulo e outros estados por causa das manifestações iniciadas em Junho. De acordo com a empresa, foi detectado um aumento de 50% no pedido de treinamento das forças de segurança do país em agosto e setembro do mesmo ano. Por e-mail, a fornecedora informou que "a empresa está impossibilitada de divulgar dados de faturamento e/ou de contratos em função de cláusulas de confidencialidade previstas nos mesmos".

•

"Como soldado, jamais escolhi cargo e procurei cumprir minhas missões com o máximo de dedicação". Foi com esta fala digna de uma situação de guerra que o general especialista em paraquedismo Fernando Azevedo e Silva abriu a sabatina na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado que aprovou, em 15/10/2013, seu nome para comandar a APO (Autoridade Pública Olímpica). "Pretendo fazer os ajustes necessários que o momento e a situação atual exigem. Nós não temos o direito de falhar", afirmou o general aos senadores sobre a organização dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. "Como militar, eu gosto de vencer objetivo a objetivo. O primeiro é ser aprovado aqui no Senado. O segundo é soltar a Matriz de Responsabilidades e o Caderno de Projetos, caso eu seja confirmado no cargo, e por aí vai. Passo a passo". Explicou o general.

Os dois documentos devem trazer a relação de todos os projetos e obras previstas para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, além da responsabilidade de cada esfera do governo e do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) na organização do evento.

•

O Ministério da Justiça anunciou no dia 31/10/2013, a criação de um grupo de inteligência integrado pela Polícia Federal e pelas secretarias de Segurança Pública de São



Paulo e Rio de Janeiro para tentar conter manifestações violentas nas capitais dos dois Estados. Nos últimos dias, as duas capitais registraram casos de vandalismo e depredação durante manifestações. No começo desta semana, manifestações contra a morte de um adolescente por um policial militar terminaram em confronto, saques e vandalismo nas imediações da Rodovia Fernão Dias (São Paulo).

Segundo o ministro José Eduardo Cardozo (diretor geral da Polícia Federal) ficaram definidas na reunião quatro frentes de atuação:

- Um grupo de inteligência para evitar e punir abusos em protestos;
- Criação de um protocolo unificado de atuação das polícias;
- Criação de grupos operacionais nos Estados para discutir as manifestações;
- Criação de grupo composto por juristas para discussão de mudanças na legislação.

•

A Polícia Militar deve adquirir, em dezembro de 2013, quatro veículos blindados equipados com jatos de água, com capacidade para derrubar uma pessoa que está a mais de 30 metros de distância. Os veículos serão comprados após a onda de protestos na capital paulista e no país desde Junho. Fazem parte do lote de 14 que a PM de São Paulo planeja colocar nas ruas já em 2014. A data exata de início das operações e os custos não foram divulgados.

Além dos jatos de água com alcance superior a 60 metros na horizontal, eles lançam gás lacrimogêneo e tinta colorida, o que permite identificar manifestantes. Bocais distribuídos nas laterais, na frente e na traseira da carroceria podem lançar água ou gás sempre que algum manifestante se aproximar do carro. Os veículos contam também com câmeras que aproximam uma imagem a até 100 metros de distância e sistemas internos que garantem uma visão 360 graus. Em caso de barricadas, os blindados podem retirar objetos que pesam até duas toneladas das vias. Para buscas realizadas durante a noite, conta com três focos de luz e câmeras de visão noturna.

•

Para ajudar a construir o estádio em Itaquera foi alugado o maior guindaste do país. O Corinthians anunciou no dia 30/07/2012, em seu site oficial, que a máquina iria operar a partir de Agosto nas obras. O guindaste tem capacidade de 1.500 toneladas e uma lança de cerca de 114 metros de comprimento. Ele servirá para auxiliar na montagem da estrutura

metálica que irá compor as arquibancadas com um teto de aço e vidro. A estrutura será içada a uma altura máxima de 60 metros em relação ao gramado.

•

O guindaste que desabou sobre a arquibancada do Itaquerão, causando duas mortes no dia 27/11/2013, erguia a última peça da cobertura do estádio que será palco da abertura da Copa do Mundo de 2014. O operador cuidava de um guindaste que suporta carga de até 1,5 mil toneladas. Ele içava uma peça de 420 toneladas quando a estrutura e a máquina tombaram sobre parte do estádio, atingindo o motorista Fábio Luiz Pereira, de 41 anos, e o montador Ronaldo Oliveira dos Santos, de 43. Eles trabalhavam para empresas terceirizadas e morreram no acidente.

O superintendente regional do Ministério do Trabalho em São Paulo, Luis Antonio Medeiros, afirmou no dia 10/12/2013 que o condutor do guindaste que caiu no estádio do Corinthians trabalhou 18 dias sem folga antes do acidente.

A Locar, empresa terceirizada responsável pelos operários, negou que o operador estivesse trabalhando sem folgas. "No domingo que antecedeu ao acidente, foi seu último dia de folga", diz a empresa. A Odebrechet, construtora responsável pela obra, disse que "esses trabalhos nunca são contínuos".

•

Em dezembro de 2013 o governo do Ceará gastou R\$ 500 mil em armas não letais a serem usadas durante a copa.

- 90 espargidores de pimenta Max-Grande (R\$ 45.842,40);
- 100 espargidores e agente lacrimogêneo Max-Grande (R\$ 50.936);
- 137 cartuchos plásticos calibre 12 com projétil de borracha (R\$ 3.288);
- 130 cartuchos de calibre 38.1 com 12 balas de borrachas cada (R\$ 19.462,30);
- 130 granadas de treinamento reutilizadas (R\$ 20.703,80);
- 60 granadas explosivas de adentramento reutilizáveis, kit com cinco refis (R\$ 17.697);
- 100 cartuchos com jato direto de pimenta (R\$ 6.787), 40 projéteis de calibre 38.1 com carga múltipla de emissão lacrimogênea (R\$ 9.852);
- 50 granadas lacrimogêneas tríplex (R\$ 11.069);
- 50 granadas de efeito moral (R\$ 9.850).

•

O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal adquiriu um sistema capaz de detectar se determinados produtos químicos, sólidos ou líquidos, são ou não tóxicos. O sistema foi adquirido para uso durante a Copa do Mundo da FIFA de 2014. Brasília receberá sete partidas do torneio. Embora adquirido para o Mundial, o sistema já está sendo usado. Os detectores entraram em teste em janeiro, auxiliando na identificação do óleo que foi derramado no Lago Paranoá. A tenente Lorena Ataydes, especialista em produtos químicos do Corpo de Bombeiros do DF, explicou que o sistema funciona como um laboratório móvel capaz de dar resultados de análises em poucos minutos. A corporação está treinando militares para operar o sistema: ao todo, 80 bombeiros passarão pela capacitação.

•

Na obra O Alienista de Machado de Assis o Dr. Simão Bacamarte quando reclusa toda a cidade de Itaguaí é responsável pelo maior encarceramento da literatura brasileira, mas mal sabia ele que essa técnica seria usada e aperfeiçoada cada vez mais nos dias de hoje.

Filtrando os dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) elaborei as tabelas abaixo. Início no ano de 2007 por ser o ano de escolha do Brasil como país sede da Copa em 2014. Para os dados da coluna População do Sistema Penitenciário somei a quantidade de presos do sistema em todos os tipos de regime, mas sem contar os presos da Secretaria de Segurança Pública (SSP) e da Polícia em delegacias. O número de Vagas é o número total de vagas que existem no Sistema Penitenciário, também desconsiderando as vagas da SSP e das delegacias de polícia.

| Brasil |                                    |                           |
|--------|------------------------------------|---------------------------|
| Ano    | População do Sistema Penitenciário | Vagas - Sistema Prisional |
| 2007   | 366.359                            | 249.515                   |
| 2008   | 393.488                            | 266.946                   |
| 2009   | 417.112                            | 278.726                   |
| 2010   | 445.705                            | 281.520                   |
| 2011   | 471.254                            | 295.413                   |
| 2012   | 513.713                            | 310.687                   |

| São Paulo |                                    |                           |
|-----------|------------------------------------|---------------------------|
| Ano       | População do Sistema Penitenciário | Vagas - Sistema Prisional |
| 2007      | 141.609                            | 95.585                    |
| 2008      | 144.522                            | 99.605                    |
| 2009      | 154.515                            | 101.774                   |
| 2010      | 170.916                            | 98.995                    |
| 2011      | 180.059                            | 100.034                   |
| 2012      | 195.695                            | 102.312                   |

•

Com uma população quase oito vezes menor que a dos EUA, o Estado de São Paulo registrou 6,3% mais mortes cometidas por policiais militares do que todos os EUA em cinco anos. Dados divulgados pela SSP (Secretaria de Segurança Pública), e analisados pela Ouvidoria da Polícia, revelam que 2.045 pessoas foram mortas no Estado de São Paulo pela Polícia Militar em confronto - casos que foram registrados como resistência seguida de morte - entre 2005 e 2009.

•

Policiais militares em serviço na capital paulista mataram, nos seis primeiros meses deste ano (2014) mais pessoas do que ao longo de todo o ano passado, apontam números divulgados no dia 25/07/2014 pela Secretaria de Estado da Segurança Pública. Tanto na capital como no Estado, o número de PM's mortos em confrontos caiu no primeiro semestre deste ano, ante o mesmo período do ano passado.

•

Policiais militares mataram 10.152 pessoas no Estado de São Paulo nos últimos 19 anos (julho de 1995 a abril 2014). Levantamento feito pela reportagem da Ponte indica que, em média, 45 pessoas foram mortas por PM's a cada mês no Estado, num cenário em que os policiais também são vítimas – cinco foram assassinados por mês no período. Desde 1995 (quando a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo passou a divulgar dados estatísticos sobre a violência no Estado), foram registradas 8.277 mortes provocadas por PM's durante o trabalho de policiamento e outros 1.875 casos fora do serviço oficial – a maior parte em “bico” (serviço extra-corporação) de segurança particular ou em situações como brigas de trânsito, de bar, entre vizinhos, crimes passionais e etc.

\*\*\*

A modernização e o desenvolvimento capitalista colocaram novos sentidos para o mercado de guerras mundiais. O desdobramento da forma mercadoria ainda é assunto desse trabalho e no decorrer do século XX o urbano assume uma posição central nesse processo. *A colonização de todos os momentos de nossa vida* aponta ao domínio do nosso cotidiano. O *american way of live* se difunde e a sociedade torna-se também sociedade do consumo e essa forma pede uma organização que estrutura a vida cotidiana e uma *cotidianidade programada num ambiente urbano adaptado para esse fim*. O estado de guerra, necessário ao capital, se expande para outros níveis da vida. O desenvolvimento das forças produtivas nos levou a produção de um cotidiano de guerra e a *sociedade super-repressiva modifica as modalidades de repressão, seus procedimentos, seus meios e os suportes destes*. Em 2013 as inovações tecnológicas são apresentadas no seu ápice e parece mesmo que *a terceira guerra só não tem certificado em cartório*.

## Há tantos milhões (?)

*“A economia atual se compara muito menos a uma máquina que para, quando o foguista a abandona, do que a uma fera que endoidece, quando o domador lhe dá as costas.”*

(BENJAMIN,1986)

Tratar de economia tendo como base a dialética marxista nos leva a destituir um primeiro pressuposto. A maneira de articular a forma mercadoria a partir de categorias como: valor de uso, valor de troca, trabalho fixo, trabalho constante, dinheiro (aqui mais como forma de manifestação do que categórica) apresenta qual grau de relação entre a sociedade e a economia? A pergunta pode ocorrer também quanto ao conteúdo do livro “O Capital” ser um livro sobre economia, mas me preocupo com o movimento que as categorias marxistas se cruzam e permitem tanto compreender o mecanismo de sua formulação quanto encontrar seus momentos mais vulneráveis. A forma enquanto forma mercadoria é uma formulação que possui um passado nebuloso, ganhando aspecto robusto com Marx, mas ao mesmo tempo sendo descoberta como uma forma reflexível, uma forma que reflete o trabalho humano. Ao longo do século XX essa forma foi financeirizada e ganhou aspecto contraditório às categorias econômicas. A forma mercadoria explica até onde ela pode falar de si mesma, após isso, a sua forma elementar se arrasta e seu vazio pode ser preenchido com qualquer tipo de argumento e justificativa.

Uma copa do mundo precisa ser preenchida de argumentos e justificativas: O argumento econômico e as justificativas economicistas. O econômico não é a justificativa imperativa, acho mesmo que ele se choca com justificativas culturais e políticas (os outros textos desse trabalho tratam destas). A esse texto dedico às contas da fortuna, ou a acumulação que sempre se recomeça, ou então aos começos de uma fortuna.

\*\*\*

Sobre a resposta econômica para a necessidade de realizar uma Copa nos textos de Vainer e Rolnik fica clara a relação entre desenvolvimento econômico e Copa do Mundo. O Brasil possui capacidade de sediar uma Copa, porém não o faz de uma maneira que inclua as “classes mais baixas”. É necessário criticar essa posição. A Copa do Mundo é um evento de circulação do capital. A construção do estádio e as reformas de aeroportos (ambos foram os

dois principais gastos considerando a matriz de investimento da Copa) são momentos, em sua forma clássica, produtivos, porém é necessário debater o capital produtivo no plano da circulação. Não é suficiente que calculemos os custos das obras versus os custos da circulação. O problema desse cálculo é que há algo escondido no processo de circulação. Os custos de circulação não são redutíveis a tempo de trabalho produtivo e talvez seja esse o problema tão elementar quanto radical da economia capitalista moderna. A circulação de capital, bem como o capital improdutivo, são os dois elementos que Marx viu o desenvolvimento, mas não sua expansão e decomposição. Nesse ponto o argumento de Robert Kurtz em “A Ascensão do Dinheiro aos Céus” parece fazer muito sentido para as contradições econômicas atuais. A preocupação não é fazer a conta da quantidade de capital improdutivo (setor de serviços, comércio, circulação) pela produtivo, mas reconhecer que a massa daquele tornou-se a pedra de toque do capitalismo pós década de 70 (revolução microeletrônica e seus desdobramentos). É compreender o imperativo da circulação e a necessidade do endividamento para tal.

Como escrevi nesse trabalho o capital financeiro possui a necessidade de se materializar, de se concretizar em objeto e preencher, mesmo que de forma opaca, a forma mercadoria. O dinheiro grita por campo de aplicação para que o capital possa ser valorizado e nessa conjuntura podemos inscrever a formação e a existência de um megaevento nos dias de hoje – como já disse o processo é tão objetivo quanto subjetivo (há outras justificativas para se forjar um megaevento, mas esse texto trata dos motivos econômicos, ou circunscritos na forma mercadoria clássica).

Independente de trabalho produtivo ou improdutivo a negação categorial coloca em crise o próprio trabalho abstrato que já não valoriza (extrai mais valia) para reproduzir a forma clássica das categorias marxistas. A crise, que tem como suporte teórico a queda tendencial da taxa de lucro (Marx) aparece para a classe trabalhadora como desemprego (estrutural). O caso é que o sobretrabalho da massa deixou de ser condição para o desenvolvimento da riqueza universal. O desemprego vira a norma e a regra na sociedade capitalista e dessa maneira a sobrevivência nesse mundo, principalmente de uma determinada classe, é trágica e amarga. A crise do trabalho vira crise categorial de uma classe, de um corpo social, segundo Ruy Fausto:

Nessa transformação não é nem o trabalho imediato que o homem executa, nem o tempo que ele trabalha, mas a apropriação da sua própria força produtiva universal, sua compreensão da natureza e sua dominação dela através da sua existência como corpo social.

(FAUSTO, 1987)

A produção da riqueza capitalista depende antes da circulação, da situação geral da ciência, do progresso da tecnologia que propriamente do tempo de produção. Quanto aos bilhões gastos na Copa, qual sua correspondência com a produção do valor? Se essa geração de riqueza independe da produção da mais valia temos aqui um processo que chamamos de precificação. São preços que flutuam, que sobem e descem sem possuir um lastro direto com a produção. Um bilhão para um estádio, meio bilhão para um aeroporto correspondem a cifras mais negociadas no mercado financeiro do que na mão da construção civil. Somente para a construção do estádio em Itaquera foram gastos R\$ 820 milhões<sup>13</sup>, onde R\$ 420 milhões são Certificado de Incentivo ao Desenvolvimento (CID)<sup>14</sup> fornecido pela prefeitura de São Paulo ao Sport Club Corinthians e outros R\$ 400,00 em financiamento do governo federal. É com esse montante financeiro que as obras (agora citando somente o estádio) foram tocadas. No momento que a prefeitura concede o CID e o investidor pode comprovar que ele é pagável, mesmo que em décadas, o certificado pode ser negociado no mercado. É uma dívida que passa a ser negociado e vendido como crédito, ou promessa de lucro. Ao que tudo indica é com esse dinheiro que o Corinthians contratou a Odebrecht, a Queiroz Galvão e a Andrade Gutierrez. Como comenta Kurz o problema é quando esse crédito – que surge inicialmente como uma dívida – passa a ser investido diretamente no capital produtivo. É aí que o capital fictício – que não tratarei nesse trabalho – passa a existir.

É de se notar que uma parte crescente da produção industrial depende dos setores improdutivos financiados com créditos. Talvez a principal pergunta que pode atravessar um caminho alternativo a esse argumento seja “essa precificação do mercado imobiliário independe da construção civil? Ou, o capital fictício independe da produção direta de mercadorias?”. Não concordo que o capital fictício esteja totalmente descolado da produção. Não saberia dizer aqui qual é o ponto que os conecta: produção de mais valia,

---

<sup>13</sup> 5º Balanço de Ações para a Copa – Setembro/2013. Ministério do Esporte, Governo Federal.

<sup>14</sup> Um recurso que concede empréstimo a partir de renúncias fiscais ao empreendedor que instalar um novo empreendimento ou restaurar/preservar imóveis existentes.



produção simbólica de mercadorias, produção do espaço, fetichismo – todos são conectivos importantes para manter uma forma vazia operante. O capital – não apenas como totalidade – é em unidade produção e circulação, porém aquilo que da dialética não se pode negar é entender as coisas como processo. Capital seria então uma unidade processual entre produção e circulação.

O texto abriu duas questões: a valorização do capital e as classes sociais. Alguns dos termos da crise de valorização foram tratados nesse trabalho e muitos outros foram tratados por colegas. Quanto às classes sociais não basta elucubrar se elas existem ou não, pois aqui a pergunta seria o que é e como se dá à existência de uma classe, de um grupo, de um movimento - a meu ver a teoria marxista não daria conta dessa resposta. Seria importante reter não apenas a existência, mas *o vivido em uma situação*. As noções de insatisfação, falta, privação, frustração passam a outro nível e acabam por resultar de uma crítica a vida cotidiana. A crise de uma categoria não remete diretamente a seu fim, mas a outros desdobramentos e assim as classes, e principalmente a sua teoria, se complexificam.

Parece-me que um ciclo importante, talvez o único, desse trabalho se completa como possível e impossível: a prisão, a morte ou a dívida.

## Engodo Conceitual

*“No princípio criou Deus os céus e a terra”.*

*A totalidade veio somente no século XIX com Hegel.*

## Espaço e Totalidade

Passar pelos conceitos através de uma dialética espacial!

O principal em Marx – capital tem fim sem si mesmo.

A produção do espaço não seria dominante no modo de produção, mas religaria os aspectos da prática coordenando-os, reunindo-os numa prática, precisamente.

Das coisas no espaço para a produção do próprio espaço passa a ser importante o espaço da totalidade, que o espaço de conta da globalidade.

Trabalhar com:

espaços de representação – vivido;

representação do espaço – concebido;

prática espacial - percebido.

(Articular com o dinheiro, a mercadoria, forma valor...)

O espaço abstrato funciona “objetalmente” como conjunto de coisas-signos, com suas relações formais: o vidro e a pedra, o cimento e o aço, os ângulos e as curvas, os plenos e os vazios.

*“O Estado esmaga o tempo reduzindo as diferenças a repetições, a circularidades (batizadas de “equilíbrio”, “feed-back”, “regulações” etc.).”*

*“Essa ideologia, misturada à cultura ocidental, valoriza a palavra e sobrevaloriza o escrito, em detrimento da prática social, que ela oculta.”*

*“O racional se naturaliza e a natureza se cobre de nostalgias que suplantam a razão.”*

No texto anterior expus as expressões violentas da realização da Copa do Mundo, apenas aqui tocarei numa possível expressão de solução não violenta às mesmas

contradições. Não para buscar uma melhor conformação, mas para dizer que a busca de solução não violenta procura a forma mediata a todas as contradições, porém essa mediação deve ser feita através das coisas. Através da negociação e dos acertos dos bens. O Comitê Popular da Copa está incluso nessa cilada e atua no sentido de conquistar a casa própria, inclusive na Favela da Paz.

Estratificações do real: economia, cultura e sociedade.

Capitalismo possui um fim sem si mesmo. Ainda assim como opera a ideia de progresso?

“O Capital é trabalho sobre comando não-pago.”

Como fica cidade nesse processo!??

Embora o capital como totalidade da circulação, seja capital circulante, seja passagem de uma fase à outra, em cada fase ele também é posto em uma determinabilidade, confinado em uma figura particular que é a negação de si mesmo como o sujeito do movimento como um todo.

Se a conservação do valor do dinheiro repousa agora sobre a convenção e a aceitação subjetiva não é acerca do subjetivo que devemos nos debruçar? Talvez até para dar mais atenção a como uma sociedade pautada pela dessubstancialização, e com o fetiche instaurado em todas as relações, consegue se manter!

Substância e totalidade:

Confundem-se, entrelaçam-se, assemelham-se?

A dialética precisa da totalidade para existir enquanto forma de pensar o mundo? Em que nível de realidade a totalidade se apresenta? Ou qual o limite da totalidade? Totalidade apresenta-se pela particularidade – sua própria contradição.

Se a forma valor é substância, se está em tudo, ela é tão divina quanto à fé. O preço da substância torna-se uma extensão indeterminada e tem como troco a subsunção de qualquer movimento independente da ciência ou da arte – da economia, cultura e sociedade - ou até mesmo da própria particularidade.

## **Grato**

À Amélia pelas conversas, compreensões e paciência.

Aos amigos que sempre estiveram: Biro, Thaca e Thiaguinho.

À casa do loco.

Aos amigos e amigas que vieram depois e ficaram.

Ao Tonhão pela capoeira. Ao Dieguinho pelas cervejas.

Aos grupos de estudo: Alienação e Krisis (segunda).

Aos Parlendas que me resgataram dos grupos de estudo.

Ao Comitê Popular da Copa - São Paulo.

À Mahara que me livrou de tudo isso.

À favela da paz que resiste.

## Referências

- ALFREDO, Anselmo.** *O Mundo Moderno e o Espaço*. In: GEOUSP, nº 19, 2006.
- ASSIS, Machado de.** *O Alienista*. Acesso via internet em 23/12/2013.
- AVANZI, Kauê.** *Reflexões sobre Natureza, Espaço e Geografia no Jardim Pantanal/SP*. Trabalho de Graduação Individual apresentado em Julho de 2013.
- AZEVEDO, Aroldo Edgar de.** *Subúrbios Orientais de São Paulo*. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da FFLCH, Universidade de São Paulo, 1945.
- BAITZ, Ricardo.** *A Implicação: um novo sedimento a se explorar na Geografia?* In: BPG, 84, 2006.
- BELLUZZO, Luis Gonzaga de Mello.** *O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados "globalizados"*. Campinas: Revista Economia e Sociedade, N. 4, 1995.
- BENJAMIN, Walter.** *As Armas do Futuro*. In: Capitalismo como Religião. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Violência – Crítica do Poder*. In: Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.
- BLAY, Eva Alterman.** *Eu Não Tenho onde Morar*. São Paulo: Nobel, 1985.
- CHESNAIS, François.** *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- DAMIANI, Amélia Luisa.** *A crise da cidade: os termos da urbanização*. In: O espaço no fim do século: a nova raridade. Org.: CARLOS, Ana Fani Alessandri. São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Metrópole e a Indústria, reflexões sobre uma urbanização crítica*. São Paulo: Terra Livre, n. 15, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e Geografia: Observações de Método (Parte 2 – Teoria e Prática sobre o Espaço, a partir da Geografia Urbana)*. Tese de livre-docência em Geografia Urbana, defendida em 2008.
- DEBORD, Guy.** *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana*. Publicado no # 6 de Les lèves nues (setembro 1955).
- DELLEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix.** *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FAUSTO, Ruy.** *Marx: Lógica e Política Tomo I*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, Félix.** *Da Produção de Subjetividade*. Imagem e Máquina; a era das tecnologias do virtual (org.) São Paulo: Editora 34, 2008.

- JAPPE, Anselm.** *Violência, mas para quê?* Publicado na revista Lignes, nº 29, 2009.
- KOWARICK, Lucio.** *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- KURZ, Robert.** *A Ascensão do Dinheiro aos Céus*. Acesso no dia 07/02/2012 em <http://obeco.planetaclix.pt>.
- \_\_\_\_\_. *A Guerra de Ordenamento Mundial*. Acesso no dia 07/02/2012 em <http://obeco.planetaclix.pt>.
- LEFEBVRE, Henri.** *A Produção do Espaço*. Trad. Grupo “As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”. UFMG, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Direito À Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia das Classes Sociais*. São Paulo: GEOUSP, Nº 17, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- LEMOS, Amália Inês Geraiges de.** *O Bairro de Itaquera: processo de inserção metropolitana*. São Paulo: 2000.
- LISPECTOR, Clarice.** *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- MARX, K.** *O Capital. Crítica da economia Política*. Vol. I e II, Capítulo XXIV e XXV. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- RODRIGUES, Nelson.** *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TEIXEIRA, Aloísio.** *“O Império Contra-ataca”: notas sobre os fundamentos da atual dominação norte-americana*. Campinas: Revista Economia e sociedade, N.15, 2000.
- VAINER, Carlos.** *Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro*. [http://br.boell.org/sites/default/files/downloads/carlos\\_vainer\\_ippur\\_cidade\\_de\\_excecao\\_reflexoes\\_a\\_partir\\_do\\_rio\\_de\\_janeiro.pdf](http://br.boell.org/sites/default/files/downloads/carlos_vainer_ippur_cidade_de_excecao_reflexoes_a_partir_do_rio_de_janeiro.pdf), 2011.
- WEBER, Max.** *A Política como Vocação*. In: *Ciência e Política, duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2008.

#### Outros:

- Balanços de Ações para a Copa –. Ministério do Esporte, Governo Federal. (Brasil, País Rico e sem Pobreza). Setembro/2013
- *Convênio de Obras Previstas no Plano de Desenvolvimento da Zona Leste do Município de São Paulo*, 2011. Proc. SPDR-186/11.
- DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional. Dados de 2007 à 2012.

- *Desenvolvimento da Zona Leste. Seminário “Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Sustentabilidade”*. Prefeitura do Município de São Paulo, Março/2012.
- *Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Brasil*. Dossiê de Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, 2011. 1º e 2º Edições.
- *Marruá*. Peça Teatral do Grupo Parlendas. Assistida em 2013.
- Operação Urbana Rio Verde-Jacu. Termo de Referência para a Contratação de Empresa, ou Consórcio de Empresas para Elaboração de Estudos Urbanísticos. Lei 13.872/04.
- Polo Institucional Itaquera. Diretrizes de Projeto Urbanístico. Prefeitura do Município de São Paulo. Setembro/2012.
- Seminário “Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Sustentabilidade”. Desenvolvimento da Zona Leste. Março/2012.

Site:

- <https://raquelrolnik.wordpress.com/>